

## PARTICULARIDADES MORFO-SINTÁTICAS ENTRE O ADJETIVO E O ADVÉRBIO XII INIC / VIII EPG - UNIVAP 2008

*Débora de Oliveira e Silva<sup>1</sup>, Antônio Ravanelli<sup>2</sup>*

<sup>1</sup> <sup>2</sup>Universidade do Vale do Paraíba -UNIVAP - Faculdade de Educação e Artes - FEA. Rua Dr. Tertuliano Delphim Jr, 181 - Jardim Aquarius, CEP: 12246-080, São José dos Campos - SP, tel.: 3923-9090.  
debora\_161@hotmail.com, antonio.ravanelli@bol.com.br

**Resumo** - Este artigo apresenta a morfologia, a sintaxe e a semântica do adjetivo e do advérbio, pois, de fato, as palavras existentes em qualquer língua distribuem-se em várias classes, conforme as formas que assumem, as funções que desempenham e o sentido que expressam. Apresenta também os casos em que ambos compartilham particularidades aparentemente semelhantes e por meio de frases será feita a análise para que haja uma possível compreensão de que cada um ocupa o seu devido lugar, ou seja, são diferentes, embora semanticamente possam expressar um mesmo sentido, possam parecer ter a mesma função.

**Palavras-chave:** adjetivo, advérbio, semelhança, diferença.

**Área do Conhecimento:** gramática.

### Introdução

A morfologia trata das formas, a sintaxe das funções e a semântica dos significados. Adjetivo é a palavra variável que serve para caracterizar o substantivo, enquanto o advérbio é a palavra invariável que caracteriza o verbo, exprimindo circunstância e intensifica o adjetivo e o próprio advérbio.

A motivação para a feitura deste trabalho é a preocupação com a dificuldade de compreensão que existe entre as duas classes. O artigo faz parte de uma pesquisa em andamento, cujo objetivo é esclarecer dúvidas a respeito da aparente semelhança entre o adjetivo e o advérbio, apresentando suas particularidades para que fiquem evidentes suas diferenças.

### Metodologia

O artigo consiste em pesquisas bibliográficas e tem como método de esclarecimento apontar nas frases os anfibolismos sintáticos.

### Resultados

A classificação das palavras deve basear-se primeiramente na forma, isto é, nas oposições formais ou mórficas que a palavra pode assumir para exprimir certas categorias gramaticais, ou seja, flexionar, mas, quando falecem as indicações formais, a classificação deve basear-se no critério sintático que, segundo Bloch & Trager (1942, p.18), “é tão vasto e, muitas vezes, tão variado que se torna muito difícil determinar as ocorrências mais significantes em que se basear”.

Sintaxe, por sua vez, é o estudo da frase tanto na linguagem discursiva como na afetiva. Trata da

função lógica das palavras, das suas relações, a saber: a concordância, a regência e a construção (colocação), bem como da ligação das frases entre si na estrutura do discurso.

Nos casos complexos, em que a morfologia e a sintaxe se tornam insuficientes para a colocação de tal palavra, deve-se basear no critério semântico. Para Macambira (1987, p. 21) “a significação deve ser usada como simples ponto de referência, somente para fazer a oposição igual/diferente, e não para conceituar esta ou aquela palavra, mas para mostrar, por exemplo, que o dia é diferente da noite, que o sufixo *inho* de *livrinho* é semanticamente diverso do sufixo *inho* de *bonitinho*”. Macambira diz ainda que “só excepcionalmente e com muita cautela é que ousamos socorrer-nos do critério semântico como elemento classificatório”.

Lima (1976, p. 86), assim como Cunha & Cintra (1985, p. 238), referem-se ao adjetivo como “essencialmente um modificador do substantivo, que serve para caracterizar os seres, indicando-lhes uma qualidade ou defeito, um modo de ser, aspecto ou aparência”. Cunha (1985, p 241) ainda diz que “poucos são os adjetivos que podemos considerar primitivos, ou seja, que designam por si mesmos uma qualidade, sem referência a uma substância ou ação que a representem. É, por exemplo, o caso de, entre outros, *brando*, *claro*, *curto*, *grande*, *largo*, *liso*, *livre*, *triste* e de boa parte dos adjetivos referentes a cor: *azul*, *branco*, *preto*, *verde*. Para Cunha (1985, p. 241) “a maioria dos adjetivos é constituída por aqueles que derivam de um substantivo ou de um verbo, com os quais continuam a relacionar-se do ponto de vista semântico.” Adjetivo, então, conforme indica seus elementos mórficos (*ad/jacere/ivo*), é a palavra que tem a propriedade de se pôr a par de, de se

juntar a. Portanto é a palavra que se junta ao substantivo, atribuindo-lhe uma qualidade; tem, na oração, a função sintática de se juntar a um substantivo para lhe restringir o sentido. Assim, não se apresenta isolado na oração, mas como um modificador e caracterizador de um substantivo.

De duas maneiras prende-se ele ao substantivo: imediatamente, por meio de mera aposição (*homem bom*), ou medianamente, pelo verbo de ligação (*O homem é bom*). Daí a dupla relação do adjetivo para com seu substantivo na oração. *Homem bom*, por sua vez, é relação atributiva, em que o adjetivo, modificando diretamente o substantivo, se constitui seu atributo (adjunto adnominal). *O homem é bom* é relação predicativa, em que o adjetivo modifica o substantivo - sujeito por intermédio do verbo de ligação.

O adjetivo, então, é uma palavra variável e pode ainda ser colocado antes ou depois do substantivo, mas, conforme a posição que ocupa na frase, sua significação se altera. Por isso pode-se afirmar que, quando o adjetivo está logo depois do substantivo, tende a conservar o valor próprio, objetivo; quando está antes, tende a perder o próprio valor e a adquirir um sentido afetivo, como nos exemplos a seguir:

*O rapaz pobre*: sem recursos (sentido próprio)

*O pobre rapaz*: sentimento, compaixão.

Ida (1965, p.183) refere-se ao advérbio como “um vocábulo determinativo do verbo, do adjetivo ou de outro advérbio que acrescenta a estourtas palavras o conceito de tempo, lugar, modo etc., delimitando-lhes ou esclarecendo o sentido, sem, contudo exercer, como o acusativo, o dativo e o abjeto indireto circunstancial, função puramente complementar.” Almeida (1911, p.316) na sua Gramática Metódica da Língua Portuguesa, escreve também que “advérbio é toda palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e até o próprio advérbio” e cita três aspectos em que se pode considerar o advérbio quanto à circunstância, quanto à função e quanto à forma. “Quanto à circunstância, é necessário que seja observada a idéia que o advérbio encerra; quanto à função, é a mesma citada por outros autores em gramáticas tradicionais, que dizem: o advérbio é uma palavra que modifica o verbo. Quanto à forma, dividem-se em advérbios propriamente ditos, que se apresentam numa só palavra e em locuções adverbiais.” Segundo Almeida (1911, p. 318) há algumas palavras que não podem ser enquadradas na conceituação e classificação do advérbio, nem em nenhuma outra classe; terão de ser classificadas como palavras que denotam exclusão (*só, somente, unicamente*); inclusão (*outrossim*), situação (*quase, casualmente*), designação (*eis*) e retificação (*aliás*). Para Cunha (1972, p. 499) “o advérbio pode ser visto como

palavras que se juntam a verbos para exprimir circunstância, em que se desenvolve o processo verbal e a adjetivos para intensificar uma qualidade.” O autor ainda observa que “os advérbios de afirmação, de negação e os advérbios de dúvida não se conciliam com esta proposta, pois não expressam circunstâncias, não são intensificadores e não dizem respeito ao processo verbal”, como nos exemplos a seguir: *Realmente sofreu muito*. Neste caso, não há denotação de circunstância e sim uma afirmação.

*Evidentemente ele se enganou. Evidentemente* expressa uma opinião, não diz respeito ao processo verbal.

PERINI (1995, p. 37), que é um lingüista, define o uso do advérbio como um misto entre sintaxe e semântica, por entender que modificação é uma noção muito obscura, porém, semanticamente, afirma que modificação indica que um advérbio teria seu significado amalgamado ao de um outro elemento formando um todo semanticamente integrado. Advérbio, então, é a palavra que caracteriza o verbo e intensifica o adjetivo e o próprio advérbio, exprimindo circunstância, Mas, segundo Macambira (1987, p. 43), “saber o que é advérbio é o mesmo que saber o que é circunstância, porque sob o aspecto semântico, a palavra circunstância é tão vaga que nos faz cair em círculo vicioso. Dizer simplesmente que lugar e tempo são circunstâncias equivale a dizer que o ‘sertão’ e o ‘passado’ são duas circunstâncias, o que há de ser absurdo”.

O advérbio, enfim, é uma palavra invariável e sua posição não interfere na interpretação da sentença, como observa o exemplo a seguir:

*O rapaz chegou de viagem ontem.*

*Ontem o rapaz chegou de viagem.*

## Discussão

Pensando no adjetivo e no advérbio como classes semelhantes, encontra-se o fato de ambas serem caracterizadoras e intensificadoras. O adjetivo, por sua vez, caracteriza e intensifica o substantivo, enquanto o advérbio caracteriza o verbo e intensifica o adjetivo e até mesmo o próprio advérbio, como no exemplo a seguir:

*O trabalho não sucedeu nem muito bem nem muito mal.* – Advérbio intensificando outro advérbio. Mas um não ocupa o lugar do outro. Deste modo, adjetivo é variável e sua íntima relação gramatical é com o substantivo e há freqüentes permutas entre essas duas classes. Não só é freqüente a substantivação do adjetivo, por meio do artigo ou de outra palavra modificadora ou determinadora, mas também, a adjetivação do substantivo, pela aposição de um substantivo a outro. Portanto, tratando-se de um substantivo, será sempre um adjetivo, o qual tem a função de qualificar.

Diferentemente, o advérbio tem função circunstancial e é uma palavra invariável. Sua íntima relação gramatical é mais precisamente com o verbo.

É necessário entender que o contexto é muito importante na interpretação da sentença, mas semanticamente haverá casos em que uma mesma palavra indicará qualidade e circunstância. É o caso de um adjetivo no lugar de um advérbio.

É somente sob o aspecto sintático que se consegue classificar a palavra na sua devida função. Na sentença *As aves voam garbosas*, semanticamente, *garbosas* indica qualidade e modo (circunstância), mas quando a palavra é um predicativo do sujeito, a qual se refere sempre ao sujeito, ou seja, a um substantivo, tem-se um adjetivo, isto é, uma qualidade. Portanto, *garbosas* é um adjetivo e não um advérbio de modo. Assim, classifica a sentença como:

*As aves* = sujeito

*Voam* = verbo intransitivo

*Garbosas* = predicativo do sujeito.

Nas sentenças *Eles falam claro* e *Eles falam claramente*, ambas são advérbio de modo, pois as palavras *claro* e *claramente* se referem ao verbo e não ao sujeito, são adjuntos adverbiais, exprimem circunstância de modo e não qualidade. Assim, classifica a sentença como:

*Eles* = sujeito

*Falam* = verbo intransitivo

*Claro, claramente* = adjunto adverbial.

## Conclusão

Procurou-se no decorrer deste projeto, ainda em andamento, desenvolver uma pesquisa das classes gramaticais, adjetivo e advérbio, para mensurar seus aspectos semelhantes e diferentes.

A problemática entre essas duas classes está além de suas dificuldades de uso e de compreensão. Ela permeia pelo ensino equivocado e pela falta de conhecimentos particulares.

O processo em que o adjetivo fica no lugar de um advérbio contribui para que a sentença fique mais expressiva e elegante, mas é através da sintaxe que haverá a possibilidade de compreender esse anfilogismo.

Sabe-se, que quanto à particularidade do adjetivo e do advérbio ainda há alguns pontos obscuros, mas quanto à relação dos dois, espera-se ter contribuído para uma maior compreensão.

## Referências

- ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 20ª ed. São Paulo: Edição Saraiva, 1987.

- BLOCH, Bernard & TRAGER, George L. *Outline of linguistic analysis*. Baltimore, 1942. (apud MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura morfo-sintática do português: aplicação do estruturalismo lingüístico*. 6ª ed. São Paulo: Pioneira, 1987.

- CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

- IDA, Manuel Said Ali. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 5ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976.

- MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura morfo-sintática do português: aplicação do estruturalismo lingüístico*. 6ª ed. São Paulo: Pioneira, 1987.

- PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995.